

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Egocentrismo espiritual e construtivista [Spiritual and constructivist egocentricity]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Nascimento de Ardiles, Roseline;Botelho Leite, Wania Suelly
Publisher	Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-07-09 14:25:58
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/234839

Egocentrismo espiritual e construtivista: possíveis relações entre a Bíblia Sagrada e Jean Piaget

Spiritual and constructivist egocentricity:
possible relations between the Holy Bible and Jean Piaget

Roseline Nascimento de Ardiles

Mestra em Educação (Unicamp)
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Jogos Psicocognitivos (UNASP-EC)
Professora de cursos de pós-graduação (UNASP-EC e UNIFRAN)

Wania Suelly Botelho Leite

Especialista em docência universitária e em Estudos Teológicos
(UNASP-EC).

Resumo

A Bíblia Sagrada apresenta diversos contextos em que o termo egocentrismo é retratado como elemento dificultador para o crescimento espiritual do sujeito. Piaget aborda o termo egocentrismo como desfavorável à construção do pensamento autônomo do indivíduo. Assim, buscou-se investigar a relação do termo egocentrismo entre os dois paradigmas, verificando as possíveis implicações que o egocentrismo traz para a vida espiritual do sujeito adulto. Para tanto, recorreu-se ao estudo qualitativo da Bíblia e dos aportes teóricos do Construtivismo de Jean Piaget. Constatou-se que o egocentrismo espiritual (aspecto central do pensamento adulto) é considerado como sendo o estágio infantil da espiritualidade por desempenhar a mesma função e forma qualitativa do egocentrismo construtivista, e por evidenciar a relação de coação com as regras encontradas fundamentalmente no pensamento infantil tratado na teoria de Jean Piaget. Ademais, destaca-se que o desenvolvimento espiritual do sujeito estaria estritamente relacionado com as relações de cooperação, envolvendo não apenas a noção de 'dever' mas e principalmente a de 'querer' realizar.

Palavras-chave

Egocentrismo. Espiritualidade. Construtivismo.

Abstract

The Holy Bible presents many contexts in which the term egocentrism is portrayed as an impediment to spiritual growth for the subject. Piaget considers the term egocentrism as conducive to the creation of autonomous thinking of the subject. Thus, we sought to investigate the relationship of the term egocentrism between two paradigms, checking the possible implications that egocentrism brings to the spiritual life of the adult subject. Therefore, we resorted to the qualitative study of the Bible and of Piaget's Constructivism. At the end of this essay, we concluded that spiritual egocentrism (main aspect of adult thinking) is considered as the infantile stage of spirituality by performing the same function and qualitative form of constructivist egocentrism, and by highlighting the relationship of coercion with the rules found primarily in children's thinking as approached on Piaget's theory. Moreover, the study emphasized that the

spiritual development of the subject would be strictly related to the relations of cooperation, involving not only the notion of ' duty ' but of ' wanting ' conduct.

Keywords

Egocentricity. Spirituality. Constructivism.

Introdução

A Bíblia Sagrada apesar de não trazer literalmente em seus textos a palavra egocentrismo ou egocêntrico, aborda este tema nas diversas histórias apresentadas de alguns sujeitos bíblicos, bem como, em várias admoestações proferidas tanto pelos Profetas, como por Deus e Jesus. Tais contextos retratam a ideia do constructo egocentrismo como um elemento notoriamente desfavorável ao desenvolvimento espiritual do sujeito, desvelando ter aspectos sobremodo importantes que minam a vida cristã, ao ponto do mesmo perder a salvação da alma.

O teórico Jean Piaget abordou o termo egocentrismo, tanto nas suas explicações acerca do desenvolvimento cognitivo, como do desenvolvimento moral do sujeito, pontuando em seus escritos que o pensamento egocêntrico não propicia que este coordene os diferentes pontos de vista e estructure um pensamento qualitativamente superior.¹ Neste sentido, pergunta-se: pode ser estabelecida alguma relação do termo egocentrismo entre os paradigmas cristão e construtivista e quais as possíveis implicações que o egocentrismo traz para a vida espiritual do sujeito? Assim, este estudo se propôs a realizar uma análise qualitativa acerca do constructo egocentrismo e suas implicações para o desenvolvimento da vida espiritual do indivíduo adulto, fazendo um paralelo com os aportes teóricos do Construtivismo de Jean Piaget. Especificamente do sujeito adulto, pois percebe-se que geralmente será na fase adulta que a escolha por alguma crença e fé religiosa se consolida, haja vista que nossa experiência de vida, racionalidade, autonomia e tomada de decisão tendem a se estruturar nessa fase.

Desenvolvimento Cognitivo Segundo Piaget

Piaget em seus escritos elabora uma teoria acerca do desenvolvimento cognitivo e moral do sujeito.² Sua obra é sobre epistemologia genética, mostrando como o conhecimento se desenvolve, estudando o desenvolvimento dos vários processos cognitivos sob seus aspectos qualitativos, procurando compreender como e em função de que as crianças vão construir estruturas mentais e adquirir modos de funcionamento dessas estruturas na sua tentativa de entender o mundo.

¹ PIAGET, J. *Seis Estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

² PIAGET, 1989.

Partindo da existência de uma realidade externa ao sujeito, da qual permitiria ao mesmo adaptar-se e desenvolver-se, a função do desenvolvimento para Piaget estaria em produzir estruturas lógicas que propiciariam ao indivíduo atuar sobre o mundo de forma cada vez mais flexível e melhor.³ Essa tentativa, por parte da criança, de entender o mundo de forma cada vez mais flexível e melhor seria caracterizado por ele como um processo em busca do equilíbrio, compreendendo e organizando seus conhecimentos com a finalidade de adaptar-se. Desta forma, Piaget conceitua o desenvolvimento, como um processo de equilibração progressiva que tende para uma forma final (operações formais),⁴ isto é, de um estado inferior até um estado mais elevado de equilíbrio, num processo dinâmico, auto-regulador e contínuo, ao qual se denomina de equilibração. Este seria o cerne da teoria de Piaget do desenvolvimento cognitivo, de produzir uma coordenação balanceada entre assimilação e a acomodação.

A partir de suas pesquisas, realizadas ao longo de sua vida, diagnosticou diferentes formas que o sujeito pode interagir com o seu ambiente. E as formas de interação diagnosticadas, eram qualitativamente diferentes nas diversas faixas etárias das crianças, fazendo-o estabelecer alguns estágios (períodos ou fases) para o desenvolvimento. Tendo como propósito estabelecer correspondência da faixa etária com os tipos de aquisições e organizações mentais da criança em seu ambiente. Mostrando que à medida que a criança amadurece fisicamente e psicologicamente é estimulada pelo ambiente físico e social, possibilitando construir sua inteligência. A criança, agente do seu próprio desenvolvimento, construirá seu desenvolvimento a partir de alguns fatores: maturação, estimulação do ambiente físico, aprendizagem social e tendências ao equilíbrio.⁵

Assim, por meio de seus achados constata-se que há um desenvolvimento estruturado em quatro estágios e/ou fases, postos de forma hierárquica à medida que o estágio seguinte seria qualitativamente e significativamente superior ao estágio anterior. Assim, o primeiro estágio corresponderia ao período do sensório motor (0-2 anos), o segundo, ao período pré-operacional (2-7 anos), o terceiro, ao período das operações concretas (7-11, 12 anos) e, por fim, ao quarto estágio que corresponde ao período das operações formais (12 anos em diante). Desta maneira, o indivíduo necessariamente deverá passar por todos os estágios do desenvolvimento para que consiga construir plenamente sua estrutura cognitiva.⁶

Segundo Rappaport, esses estágios traduzem diferentes formas de organização mental, pois cada estrutura possuiria uma forma particular de equilíbrio.⁷ Desta forma, o

³ RAPPAPORT, C. R. et al. *Teoria do Desenvolvimento - Conceitos fundamentais*. São Paulo: EPU, 1981.

⁴ RAPPAPOT, 1981.

⁵ PIAGET, Jean. *Seis estudos de Psicologia*. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1967.

⁶ PIAGET, 1967.

⁷ RAPPAPORT, 1981.

aparecimento de uma série de novos comportamentos passam a ser considerados como um indicador de um novo estágio de desenvolvimento. Para que isso possa acontecer, de fato, há que se considerar algumas condições: identificar uma forma de organização mental; a estrutura identificada tem que ser derivada da estrutura do nível anterior de desenvolvimento; e por último, seria necessário comprovar a existência de uma ordem constante de sucessão dos estágios de desenvolvimento independente de variações mais ou menos importantes na idade cronológica de seu aparecimento.

Como elemento constituinte de sua teoria, Piaget, aborda o termo egocentrismo em suas obras. O pensamento egocêntrico, conforme o autor surge no estágio infantil do desenvolvimento ou no estágio da anomia e heteronomia do desenvolvimento moral. Para o autor, quando o sujeito passa para fases mais superiores do pensamento, o egocentrismo deixa de ser o elemento central do pensamento assumindo uma estrutura de pensamento mais elaborado, onde o aspecto da autonomia é construído.

Egocentrismo na teoria de Jean Piaget

O termo egocentrismo surge no primeiro livro de Piaget, *Linguagem e Pensamento da Criança* e, a partir de então, este constructo é tratado por ele, tanto na teoria do desenvolvimento cognitivo, quanto na teoria do desenvolvimento moral.⁸ Esta última, da mesma forma que a primeira, se desenvolveu através do estudo das regras em contextos de jogos com crianças de faixa etária diferente. Através de entrevistas clínicas, estrutura os elementos e aspectos para o desenvolvimento de sua teoria, apresentando a gênese da moralidade do indivíduo e todo o processo de construção da moral, pontuando que o mesmo deverá passar necessariamente por três estágios para que desenvolva sua moralidade, a saber: anomia, ausência total das regras, pois o indivíduo ainda não está mobilizado pelas relações bem x mal e sim pelo sentido de hábito, de dever; heteronímia, moral é igual à autoridade, pois as regras não correspondem a um acordo mútuo firmado entre os jogadores, mas por algo imposto pela tradição, coerção e, portanto, imutável; e autonomia, último estágio do desenvolvimento da moral, em que há a legitimação das regras e a criança pensa a moral pela reciprocidade, quer seja o respeito às regras, pois é entendido como decorrente de acordos mútuos entre os jogadores, sendo que cada um deles consegue conceber a si próprio como possível 'legislador' em regime de cooperação entre todos os membros do grupo.

A teoria de Piaget destaca que o pensamento infantil parte da subjetividade em vista a lograr a objetividade e, para chegar a este estágio qualitativamente mais superior, o indivíduo terá que coordenar os diferentes pontos de vista, isto é, se colocar no lugar do outro. Ressalta-se que esta ação de descentrar e coordenar distintas perspectivas

⁸ LEITE, L. B. As Interações Sociais na Perspectiva Piagetiana. *Série Ideias*, n. 20, São Paulo: FDE, 1994, p. 41-44. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p041-047_c.pdf>. Acesso em 18 de Fev. 2013.

representa a superação do pensamento egocêntrico⁹ do sujeito, característico da 1ª. e 2ª. fase entre 2-3 anos a 7-8 anos, correspondendo a fase de anomia e heteronomia da teoria do desenvolvimento moral do sujeito por ele estruturada.

Piaget ressaltou que a característica que distingue o pensamento infantil, intermediário entre as condutas socializadas e as puramente individuais, do pensamento adulto é de natureza qualitativa e não quantitativa: “a criança, oscilando entre o egocentrismo deformante e a aceitação passiva das influências intelectuais, não é ainda objeto de uma socialização da inteligência, que possa modificar profundamente o mecanismo”.¹⁰ Desta maneira, Piaget destaca que o processo que desencadeará na coordenação de pensamentos hierarquicamente superior (fim da fase egocêntrica) é constituído inicialmente por uma inteligência chamada pré-verbal, por trata-se de uma coordenação de esquemas perceptivos.¹¹

De acordo com Terra, a fase egocêntrica é caracterizada pelo fato da criança não conceber outra realidade da qual a mesma não faça parte. Isto acontece, pois há ausência de esquemas conceituais e da lógica. Segunda a autora, embora a criança apresente a capacidade de atuar de forma lógica e coerente, em função da aquisição de esquemas sensoriais-motores na fase anterior, ela apresentará, paradoxalmente, um entendimento da realidade desequilibrado, em função da ausência de esquemas conceituais.¹²

Conforme Leite, Piaget afirmou que os monólogos da criança na presença do adulto - sua mãe, por exemplo - constitui "uma relação social", onde "falar a si mesmo ou a sua mãe é a mesma coisa", pois "essa atividade está banhada em uma atmosfera de comunhão, de sintonização [...] e essa atmosfera exclui toda consciência de egocentrismo". O que caracteriza, portanto, a atitude egocêntrica é a "indiferenciação entre outrem e si mesmo", e não uma falta de sociabilidade no sentido corrente do termo.¹³ Desde esse primeiro estudo, Piaget descreve e interpreta os diferentes tipos de linguagem que surgem nas relações da criança com o adulto e das crianças entre si e assinala a importância das relações entre iguais ou pares, que propiciam a descentração, ou seja, a distinção do ponto de vista próprio e dos outros e a coordenação desses diferentes pontos de vista. Surge já uma idéia fundamental para Piaget e que será discutida e desenvolvida em trabalhos posteriores, ou seja, o conceito de cooperação, ou operação realizada em conjunto entre pares ou iguais.

Assim, o egocentrismo na linguagem infantil implica a ausência da necessidade, por parte da criança, de explicar aquilo que diz, por ter certeza de estar sendo

⁹ PIAGET, J. *Psicologia da inteligência*. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura Brasil/Portugal, 1956.

¹⁰ PIAGET, 1956, p. 208.

¹¹ PIAGET, 1956.

¹² TERRA, Márcia Regina. *O Desenvolvimento Humano Na Teoria De Piaget*. [s.d.] Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>>. Acesso em:

¹³ PIAGET, 1994, p. 50 aput LEITE, 1994, p.42.

compreendida. Da mesma forma, o egocentrismo é responsável por um pensamento pré-lógico, pré-causal, mágico, animista e artificialista. O raciocínio infantil não é nem dedutivo nem indutivo, mas transdutivo, indo do particular ao particular; o juízo não é lógico por ser centrado no sujeito, em suas experiências passadas e nas relações subjetivas que ele estabelece em função das mesmas. Os desejos, as motivações e todas as características conscientes, morais e afetivas são atribuídas às coisas (animismo). A criança pensa, por exemplo, que o cão late porque está com saudades da mãe. Por outro lado, para as crianças até os sete ou cinco anos de idade, os processos psicológicos internos têm realidade física: ela acha que os pensamentos estão na boca ou os sonhos estão no quarto. Dessa confusão entre o real e o irreal surge a explicação artificialista, segundo a qual, se as coisas existem é porque alguém as fez.

Nesta perspectiva, faz-se mister destacar que tais ações efetivadas pelas crianças decorrem da ausência de esquemas lógicos. Desta maneira, o termo egocentrismo, para a teoria piagetiana, não atribui significado deste constructo ao sentimento egoísta, de posse que comumente o senso comum relaciona ao termo egocentrismo e as crianças nessa fase de desenvolvimento cognitivo e moral. Por isto que o conceito de coerção e de cooperação seria objeto de estudo importante para a formação ou não da personalidade ética no sujeito. Pois, constructo coerção reforçaria no indivíduo o egocentrismo e, por conseguinte, impediria o desenvolvimento da racionalidade e da autonomia intelectual importantes para o pensamento crítico.¹⁴

Egocentrismo Espiritual

Nos seus muitos livros, a Bíblia apresenta diversos versículos que evidenciam significados que decorrem do termo egocentrismo ou são termos correlatos. Embora a palavra egocentrismo não esteja literalmente nos escritos da Bíblia, há histórias que retratam situações em que o significado deste termo aparece. Por exemplo, a parábola do Jovem rico, a história de Saulo antes de se tornar Paulo, de Caim, dos doutores da lei contemporâneos a Jesus, dos fariseus e, por fim, a história de Judas. Estas histórias demonstram ausência de um pensamento qualitativamente superior por parte dos sujeitos, por não considerarem a perspectiva do outro, considerando apenas o seu próprio ponto de vista.

No livro de Lucas capítulo 17, versículo 33 constata-se a importância dada por Jesus ao fator da descentração, empatia e coordenação de perspectivas no desenvolvimento das relações interpessoais, “quem quiser preservar a sua vida perdê-la-á;

¹⁴ LA TAILLE, Yves de. A dimensão ética na obra de Jean Piaget. *Série Ideias*, n. 20, São Paulo: FDE, 1994, p. 75-82. Disponível em: < http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p075-082_c.pdf >. Acesso em: 18 de Fev. 2013.

e quem a perder de fato a salvará”.¹⁵ Nesta citação, percebe-se um valor concomitante ao conceito de autonomia ética-moral abordado por Piaget no seu pensamento psicogenético, pois nesta citação bíblica, destaca-se o aspecto da descentração e empatia, elemento fundamental para a constituição de personalidades éticas. Em consonância, verificamos o mesmo princípio ético-moral no livro de Mateus capítulo 7, versículo 12 no qual diz: “tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei vós também a eles; porque esta é a lei dos profetas”

É sabido que Caim (Gêneses 4, v. 1-7) filho de Adão, no ritual de adoração a Deus, ao invés de realizar este seu louvor (oferta) ao Senhor da forma como Ele tinha definido, fez da sua maneira, da forma como lhe convinha. Apesar de ter escolhido as melhores frutas, pois o mesmo era lavrador, sua oferta não representava o sacrifício expiatório que simbolizava a morte de Cristo na cruz pelos pecados do mundo. Este seu ato demonstra que seu pensamento estava circunscrito em si mesmo a tal ponto, que desmereceu as orientações Divinas, o simbolismo que isto significava e, assim, desobedeceu as Suas ordens. O egocentrismo por ele evidenciado demonstrou a não coordenação de pontos de vistas (pensamento lógico) no sentido de entender o verdadeiro simbolismo do sacrifício. Voltado para si mesmo, ensimesmado, Caim, na ausência de esquemas conceituais espirituais necessários para o entendimento deste ritual religioso, transgrediu e agiu em função do seu mundo e de sua realidade, desencadeadas das relações subjetivas que ele estabeleceu, apresentando um pensamento que partiu do particular para o particular.

A história do Jovem rico (Mateus 19, v.16-22; Lucas, 18 v. 18-23; Marcos, 10 v.17-22), por exemplo, evidencia com bastante propriedade que o mesmo, apesar de ter cumprindo todos os ensinamentos de Jesus, não se desvinculou do pensamento egocêntrico, revelando não compreender a ordem dada por Jesus, pois, ao final, tinha obedecido a todos os mandamentos. Por isso a razão de sua pergunta, “que farei para herdar a vida eterna? [...] tudo isso tenho observado desde a minha juventude?” (Lucas, 18 v.18 e 21).

A orientação para que o jovem rico vendesse tudo o que tinha e desse aos pobres, sugere que tal cumprimento dos Dez mandamentos desde a sua meninice foi em função de um sentimento de cumprimento de dever, circunscrito no aspecto da meritocracia, e não da interiorização de ser valor, de amar a Deus e ao próximo como princípio e valor interiorizado. O jovem rico supôs que, por estar obedecendo aos 10 mandamentos seria condição suficiente e necessária para obter a salvação e, por isso, surpreende-se com os comentários emergidos por Jesus: “vende tudo que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois vem e segue-me. Mas ouvindo ele estas palavras ficou muito triste, porque era riquíssimo” (v.22 e 23).

¹⁵ As citações bíblicas foram extraídas da seguinte versão em língua portuguesa: A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: SBB, 1999.

Apenas o cumprimento das leis relaciona-se também ao aspecto coercitivo/heterônimo e não autônomo que o mesmo construiu no seu relacionamento com Deus. O jovem rico não demonstrou um relacionamento íntimo e pessoal com o Legislador, apenas e tão somente obedecia a “legislação” pelo simples fato do cumprimento e consciência do dever. E não por uma relação de motivação interna e afetiva com Deus. Por isso, que ao ser questionado por Jesus a distribuir suas riquezas aos pobres explicita, mesmo sem proferir alguma palavra, seu pensamento egocêntrico, pois se retirou, pensando consigo mesmo do valor que seus bens tinham eximindo a possibilidade de repartir (cooperação) com outrem.

A história de Judas (Mateus, 26 v. 14-16; 20-24), por sua vez, revela que este não tinha coordenado perspectivas ou diferentes pontos de vista e, por isto, não tinha compreendido a verdadeira missão de Jesus na terra, pois desejou lograr apenas seus interesses políticos e individuais em detrimento do real objetivo Divino, apresentando, assim, um pensamento egocêntrico de sua vida espiritual, mesmo embora tenha convivido com Jesus.

A história de Saulo (Atos, 8 v. 1-3; 9 v. 1-9), por sua vez, antes de se tornar Paulo demonstrou uma vida abnegada para o egocentrismo ao evidenciar posturas intolerantes com os demais cristãos, por não aceitar tal crença e, desta forma, não considerar e coordenar pontos de vistas religiosos diferentes, assolava a igreja de Deus perseguindo os cristãos e os matando. Como a postura de Saulo fora permeada por uma sinceridade e convicção sem igual, a pesar de ações equivocadas, Deus, como figura ilustre de mediação, faze-o voltar a si, faze-o refletir de seu comportamento incongruente e o instiga-o a estabelecer relações e coordenar diferentes perspectivas ao afirmar, “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (v.4).

Neste sentido, por meio desta distinção, coordenação de pontos de vista distintos e descentração, Saulo passa para um estágio qualitativamente superior de sua espiritualidade (lógico-formal). Deixa de ser um sujeito egocêntrico, do qual não distinguia a si mesmo e o meio externo, não diferenciando o seu "eu" da realidade exterior e seu próprio ponto de vista com os pontos de vista dos demais cristãos. Portanto, não desvelava uma consciência pessoal, tal como descrito por Piaget. Agora com um pensamento autônomo espiritualmente, deixa de ser Saulo e passa a se tornar Paulo, pois o egocentrismo deixou de ser o elemento central desse novo estágio de sua vida espiritual, pois após o desequilíbrio espiritual, quando do contato com Deus, desenvolve um processo de equilíbrio passando de um estado inferior a um estado mais elevado de equilíbrio e auto-regulador.

A história de Nicodemos (João, 3 v.1-22) destaca um fato interessante de pensamento epistemologicamente egocêntrico. Nicodemos, ao tecer um comentário a Cristo dizendo que Ele era o Mestre vindo da parte de Deus, pois ninguém poderia fazer

aqueles sinais se Deus não estivesse com Ele (v2), e Jesus ao responder dizendo que “em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (v.3), não compreende o que fora proferido por Jesus, pois a maturidade de sua vida espiritual não o possibilitou alçar a magnitude da mensagem, por haver ausência de esquemas conceituais importantes para tal entendimento.

Nicodemos entende de forma literal o que Jesus o disse, pois afirmou “como pode um homem nascer, sendo velho?” (v.4) demonstrando não ter a capacidade de estabelecer relações e de coordenar conceitos tão importantes e necessários para uma vida espiritual sólida e verdadeira. Cristo ao excluir “tu és mestre em Israel e não compreendes estas coisas?” destaca o fato de que o desenvolvimento cognitivo do cristão não caminha de igual modo com o seu desenvolvimento espiritual. Faz-se mister aceitar não só os textos da lei de forma teoria e de discurso, mas de forma viva, encontrada no Autor da Lei que é Deus. Ressaltando que a teoria ensimesmada e o discurso por si mesmo não se revelam como condição necessária e suficiente para um pensamento descentrativo e qualitativamente superior espiritualmente.

Como exemplo de estágios superiores de desenvolvimento espiritual tem-se a história de Raabe, Davi, Jacó após ter roubado a primogenitura do seu irmão e etc. Nestes exemplos descritos nas passagens bíblicas constataremos que o aspecto do egocentrismo não se constitui como elemento central da vida espiritual destes sujeitos bíblico. Na história de Raabe, percebe-se tão claramente que a mesma realizou ações de descentração e cooperação efetivada através de um pensamento autônomo (Josué, 2:1-21 e 6:22-25) para ajudar aos espias. Além desses relatos podemos também citar alguns sujeitos bíblicos que dão respaldo ao argumento de que o sujeito, na sua vida e caminhada cristã, tal como Jó, Elias, Eliseu, Enoque, o profeta Samuel e demais outros contidos na Bíblia.

O desenvolvimento espiritual qualitativo do sujeito estaria estritamente relacionado com as relações de cooperação, estas que pressupõe a articulação de operações de dois ou mais sujeitos, envolvendo não apenas a noção de 'dever' mas e principalmente a de 'querer' realizar, fazer, efetuar. Isso significa que o desenvolvimento cognitivo e moral é condição importante e necessária ao desenvolvimento espiritual, pois faz-se mister o entendimento da forma e do conteúdo da fé e da vida cristã. No entanto, não se constitui como uma condição suficiente, pois o sujeito deverá ter como elemento diferencial a vivência da fé cristã, pois após a conversão do sujeito e dependendo da qualidade de sua vida cristã, este poderá estar numa fase longa ou curta do egocentrismo espiritual.

Considerações Finais

Primeiramente, faz-se mister afirmar que Piaget abordou o egocentrismo em sua teoria como surgindo no pensamento infantil que acontece na 1ª. e 2ª. fase entre 2-3 anos a 7-8 anos, correspondendo, respectivamente, a fase de anomia (ausência total de

regras/moral) e heteronomia (regras e moral condicionada à autoridade) da teoria do desenvolvimento moral do sujeito. Assim, o pensamento egocêntrico evidencia a não possibilidade de coordenar diferentes pontos de vistas, haja vista que a criança crer que tudo gira em função do seu mundo, de sua realidade. Ressalta-se que isto não significa que a criança não apresente condutas socializadas, contudo, revela que superabunda seus interesses em detrimentos dos demais.

Nesta perspectiva, Piaget e demais autores piagetianos ao tecerem considerações sobre este tema pontuaram que na fase egocêntrica a criança não concebe outra realidade da qual não faça parte, por desvelar ausência de esquemas conceituais e da lógica, característico dessa fase de desenvolvimento. Além de evidenciar ausência da necessidade de explicar aquilo que diz, por ter certeza de estar sendo compreendida.

Em função da fase anterior (sensório-motor) que permite que a criança adquira esquemas sensoriais e motores, evidenciando a capacidade de atuar de forma coerente, ressalta-se, contudo, que de forma paradoxal a criança apresentará uma compreensão da realidade desequilibrada, devido à ausência de esquemas conceituais, possíveis apenas na fase subsequente entre 9-11 anos. Deste modo, o pensamento e fala egocêntrica diminuem à medida que aumenta a capacidade da criança de realizar a descentralização (fase da autonomia que corresponde ao 3º estágio do desenvolvimento da moralidade) diminuindo na adolescência até quase desaparecer na idade adulta, pois ainda permanece neste estágio.

Piaget pontuou que no período do egocentrismo a criança inicialmente não distingue entre a si mesma e seu meio externo, à medida que apresenta um aspecto de indiferenciação e da ausência de uma consciência pessoal e, nesta perspectiva, não coordena os seus próprios pontos de vista com os outros pontos de vista dos demais.¹⁶ Para realizar tal coordenação, a criança necessitará de uma consciência do "eu", ou reflexão sobre si mesmo (autonomia). Isto só será possível se houver uma distinção entre a própria perspectiva de si com as dos demais. Em outras palavras, deve haver uma descentração. Assim, pode-se afirmar que fala egocêntrica é essencialmente intelectual, pois se considerarmos o egocentrismo como puramente epistêmico, ter-se-ia como característica a confusão do sujeito com o objeto de conhecimento. Desta maneira, o sujeito ignorará a si mesmo e não conseguirá descentralizar-se, voltando-se para o objeto.¹⁷

Em se tratando do desenvolvimento da espiritualidade, constou-se que alguns elementos do constructo egocentrismo tratado na teoria piagetiana é também evidenciado, de forma particular, na vida espiritual do sujeito. Assim, apesar deste constructo ser característico do pensamento infantil, destaca-se que no sujeito adulto, foco de análise deste estudo, apesar de teoricamente se encontrar, conforme pontua a teoria piagetiana, no

¹⁶ PIAGET, 1989.

¹⁷ PIAGET, 1989.

período lógico-formal do desenvolvimento cognitivo, não significa, necessariamente, que a sua vida espiritual se apresente na mesma fase cronológica de desenvolvimento espiritual.

Em outras palavras, mesmo na fase adulta, o sujeito em sua vida espiritual pode evidenciar o primeiro estágio do desenvolvimento cognitivo e moral proposto por Piaget, desvelando, por conseguinte, o nível de sua maturidade espiritual e tudo o que ela representa e decorre. Assim, sugerimos que as fases e/ou estágios propostos por Piaget para o desenvolvimento cognitivo e moral, podem ser correlatas para o desenvolvimento da espiritualidade do sujeito, no que se refere especificamente ao aspecto do “egocentrismo” tratado por ele em sua teoria e que se tornou elemento de análise neste estudo investigativo. Neste sentido, sugere-se que neste aspecto há uma consonância cognitiva entre o paradigma cristão e construtivista piagetiano.

Nesta perspectiva podemos citar o exemplo da história de Adão após a queda, pois como o mesmo fora formado já adulto, teve que desenvolver-se espiritualmente. Desta maneira, mesmo estando no estágio adulto, às fases para o desenvolvimento espiritual tiveram que ser estabelecidas, tendo sua gênese espiritual estruturada conforme os períodos do desenvolvimento cognitivo e moral da teoria de Piaget, especificamente no que se refere ao constructo egocentrismo.

É deste sentido que Piaget em sua teoria destaca que o desequilíbrio ocorrido no sujeito quando do contato com o objeto de conhecimento e a busca do equilíbrio e, por conseguinte, da equilibração majorante. Esta se torna uma constante em qualquer fase de desenvolvimento cognitivo. Faz-se mister pontuar que o próprio Piaget em seus escritos afirmou que o indivíduo, mesmo estando em fases superiores do pensamento, isto é, na fase adulta e, por tanto, no período lógico-formal do desenvolvimento, seu pensamento egocêntrico ainda permanece, mesmo que de forma menor e suprimida, como um “rei deposto”, sugerindo que essa busca pelo pensamento mais elaborado se configura como um devenir constante.

Mediante a tais considerações sugere-se que a sequência de desenvolvimento cognitivo e moral proposto por Piaget podem estar relacionadas ao desenvolvimento espiritual do sujeito, porém, se estabelecendo de uma maneira peculiar e específica, pois os estágios do desenvolvimento cognitivo e moral de Piaget não se desenvolvem paralelamente com a idade espiritual do indivíduo.

Sabe-se que geralmente será na fase adulta que o auge das relações espirituais se desvela. E mesmo que este esteja na última fase de seu desenvolvimento espiritual, destaca-se que há uma necessidade imperiosa e constante de seguir em busca de experiências cada vez mais superiores com Deus.

Outrossim, se considerarmos algumas variáveis, tais como, contato significativo com a espiritualidade desencadeada desde a primeira infância, e se houve desde então continuidade desta vida espiritual, prologando-se no decorrer do seu desenvolvimento

cronológico e desenvolvimental, pode-se sugerir que neste contexto específico há um paralelismo da vida espiritual com o desenvolvimento cognitivo e moral do indivíduo, conforme descrito na teoria piagetiana. Porém, como o foco de análise e reflexão deste estudo está circunscrito no sujeito adulto, pois o processo de conversão geralmente ocorre nesta fase, tais considerações não serão analisadas podendo fazer parte de futuras pesquisas.

Em suma, mesmo estando na fase lógico-formal do desenvolvimento cognitivo em que o egocentrismo não é o elemento central deste estágio, o sujeito pode se encontrar no estágio sensório-motor e pré-operatório da espiritualidade, por o egocentrismo ser o elemento central do pensamento desse sujeito, e por estar imerso numa relação fundamentalmente de coação e não de cooperação com as leis Divinas. Quer dizer, apenas ter construído uma noção de cumprimento de dever e não uma construção afetiva e interna dos princípios, evidenciando primeiramente “o querer”, antes do “efetuar”.

Diversas histórias retratadas na Bíblia podem fundamentar o comentado acima. A título de exemplo podemos citar a história do Jovem Rico, Saulo antes de se tornar Paulo, Caim, Nicodemos, os doutores da lei contemporâneos de Jesus e, por fim, a história de Judas.

Constatou-se que embora o desenvolvimento cognitivo e moral posposto por Piaget não se desenvolva paralelamente com a espiritualidade do sujeito adulto, pois a conversão dos indivíduos e espiritualidade estruturada ocorre na fase adulta, percebe-se, todavia, que os elementos evidenciados na teoria construtivista com relação à coerção e cooperação (aspectos que norteiam e estrutura a saída do pensamento egocêntrico para o autônomo) se fazem presente no desenvolvimento espiritual do sujeito.

Desta maneira, o egocentrismo espiritual (aspecto central do pensamento adulto) é considerado como sendo o estágio infantil da espiritualidade por desempenhar a mesma função e forma qualitativa do egocentrismo, e por evidenciar a relação de coação com as regras encontradas fundamentalmente no pensamento infantil tratado na teoria de Jean Piaget.

De acordo com esta teoria, o indivíduo desenvolve o aspecto da descentração, da coordenação dos diferentes pontos de vista e do desenvolvimento da cooperação fundamentalmente no terceiro estágio do desenvolvimento cognitivo, intitulado de operatório formal que vai dos 7 aos 11/12 anos de idade. Neste sentido, pode-se afirmar que esse desenvolvimento e construção da espiritualidade não poderiam ser alcançados por meio tão somente do discurso religioso (pregação). Há que se ir à fonte d'água viva e ter uma vida de constante busca de consagração e comunhão.

Como exemplo de estágios superiores de desenvolvimento espiritual tem-se a história de Raabe, Davi, Jacó, Jó, Elias, Eliseu, Enoque, o profeta Samuel e demais outros contidos na Bíblia dos quais constatamos que o aspecto do egocentrismo não se constituiu

como elemento central da vida espiritual destes sujeitos bíblico. O desenvolvimento espiritual do sujeito estaria estritamente relacionado com as relações de cooperação, estas que pressupõe a articulação de operações de dois ou mais sujeitos, envolvendo não apenas a noção de 'dever' mas e principalmente a de 'querer' realizar, fazer, efetuar. Isso significa que o desenvolvimento cognitivo e moral é condição importante e necessária ao desenvolvimento espiritual, pois faz-se mister o entendimento da forma e do conteúdo da fé e da vida cristã. No entanto, não se constitui como uma condição suficiente, pois o sujeito deverá ter como elemento diferencial a vivência da fé cristã. Ademais destes aspectos, destaca-se após a conversão do sujeito e dependendo da qualidade de sua vida cristã, este poderá estar numa fase longa ou curta do egocentrismo espiritual.

Em consonância, Piaget enfatizou a necessidade de o indivíduo estabelecer ações com o objeto de conhecimento para que o mesmo se desenvolva e construa conhecimentos. De igual maneira, para o desenvolvimento firme e coerente da vida cristã, o sujeito terá que trilhar um árduo caminho em que os aspectos da colaboração, cooperação, coordenação de diferentes perspectivas, descentração, característicos de um desenvolvimento autônomo, se fazem presentes.

A ação e a atividade do cristianismo bem como a vivência real dos elementos da fé cristã seriam o requisito a priori para que o sujeito desenvolva a descentração e coordene os diferentes pontos de vista, ademais de desenvolver o aspecto da cooperação. Deste modo, o indivíduo poderá atingir os estágios subseqüentes e superiores do desenvolvimento espiritual correlacionado aos estágios das operações concretas e formais estabelecidas por Piaget. Faz-se mister destacar que as relações encontradas entre o paradigma cristão e construtivista precisam ser ampliadas em futuras pesquisas à medida que fora realizada apenas um recorte neste estudo investigativo do termo egocentrismo.

[Recebido em: fevereiro de 2013

Aceito em: maio de 2013]